



## **ESCOLARES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: PERCEPÇÕES QUANTO AO SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO**

Caroline Pettrossi Motta<sup>1</sup> (Bolsista PIBIC/CNPq)

Maria Elisabete R. F. Gasparetto<sup>2</sup> (Co-orientadora)

Rita de Cássia Ietto Montilha<sup>3</sup> (Orientadora)

Faculdade de Ciências Médicas- FCM, UNICAMP

Agência Financiadora: CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

<sup>1</sup>[carolinep.motta@gmail.com](mailto:carolinep.motta@gmail.com)- <sup>2</sup>[gasparetto@fcm.unicamp.br](mailto:gasparetto@fcm.unicamp.br)- <sup>3</sup>[rcietto@fcm.unicamp.br](mailto:rcietto@fcm.unicamp.br)

Palavras Chave: Deficiência visual- Tecnologia assistiva- Inclusão.

### **I-INTRODUÇÃO**

Atualmente tem-se discutido muito a inclusão de pessoas com deficiência no ensino regular, dentre elas a deficiência visual. A Declaração de Salamanca propôs "incluir a educação especial na estrutura de educação para todos" (CORDE, 1994). Visto que o ensino regular e o atendimento educacional especializado estão cada vez mais se aproximando um do outro, percebe-se que não há a necessidade de se ter dois ensinos com os mesmos princípios (SOUZA, 2008). A partir dessas mudanças, faz-se necessário conhecer as percepções que os escolares com tal deficiência, têm da escola em que estão inseridos e se os recursos didáticos disponíveis suprem suas necessidades. Por meio do conhecimento das percepções que os escolares possuem de seu processo de escolarização, é possível elaborar um planejamento de ações educativas para esta população.

É de grande importância para a área Fonoaudiológica conhecer o processo de escolarização do aluno com deficiência visual, isto acrescenta dados científicos que são escassos nessa área e viabiliza a aplicabilidade na terapia fonoaudiológica. É também, de

interesse da comunidade escolar, que tem assim, a possibilidade de atender melhor as necessidades do aluno.

De acordo, com a maioria dos educadores especializados, as necessidades específicas dos indivíduos com cegueira são a aprendizagem do Braille, o amplo uso de experiências auditivas e táteis e o treinamento especial da mobilidade (OMS, 1993). Quanto aos alunos com baixa visão, eles necessitam da ajuda de ampliadores e de material impresso em formatos especiais (OMS, 1993). Esses recursos são chamados de tecnologia assistiva, ou seja, trata-se de “uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (JANUZZI, 1999).

## **II- OBJETIVO**

Conhecer a percepção de escolares com deficiência visual em relação ao seu processo de escolarização, além de sua percepção em relação à utilização de recursos de tecnologia assistiva.

## **III- METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo descritivo transversal com escolares de 12 anos e mais, participantes do Programa de Reabilitação de Adolescentes e Adultos com deficiência visual do CEPRE (Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof.Dr.Gabriel O.S Porto”) – FCM - Unicamp. Inicialmente foi realizado um estudo exploratório para a construção do instrumento da pesquisa. Esse estudo permitiu conhecer previamente a realidade e a terminologia utilizada por escolares com deficiência visual bem como, verificar se as questões estavam sendo facilmente compreendidas. Feito isto elaborou-se um questionário que foi aplicado a uma amostra de 11 escolares por meio de entrevista. O

presente estudo manteve os aspectos éticos de pesquisas com seres humanos nos termos da Resolução 196/96 do CONEP. Os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas sob o número 486/ 2009.

#### IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 11 escolares, dentre estes 18,2% apresentavam cegueira e 81,8% baixa visão (Figura 1). Sendo de 19,8 anos a média de idade. A maioria dos participantes da pesquisa estava cursando o ensino fundamental (72,7%) e a amostra restante (27,3%) estava cursando as primeiras séries do supletivo.

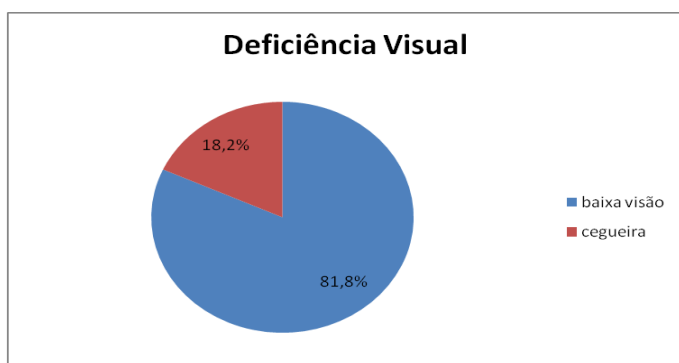


Figura 1- Tipos de deficiência visual

Os resultados informaram que a maior parte dos escolares estão pouco satisfeitos com o ambiente escolar, sendo que para os alunos com baixa visão a maior dificuldade estava relacionada em copiar a matéria da lousa e escrever, pois a iluminação ambiental das salas de aula não era adequada, bem como o contraste do giz com a lousa dificultava a leitura do quadro (Figura 2).

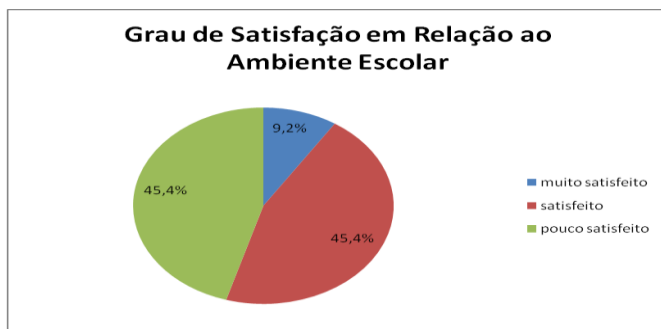


Figura 2- Grau de satisfação dos escolares em relação ao ambiente escolar

Evidenciou-se que tanto os escolares com baixa visão quanto os com cegueira possuem poucos recursos de tecnologia assistiva disponíveis em suas escolas (Tabela 1 e 2).

Tabela 1- Recursos de Tecnologia Assistiva Disponíveis na Escola para Escolares com Cegueira

Recursos de Tecnologia Assistiva*	N=2			
	Sim		Não	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Recursos de informática	1	50,0	1	50,0
Recursos táteis	1	50,0	1	50,0
Máquina Braille	1	50,0	1	50,0

\* Respostas Múltiplas

Tabela 2- Recursos de Tecnologia Assistiva Disponíveis na Escola para Escolares com Baixa Visão

N=9

Recursos de Tecnologia Assistiva*	Sim		Não	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Recursos de informática	3	33,4	6	66,6
Recursos táteis	2	22,2	2	22,2
Máquina ampliados	6	66,6	3	33,4
Lupas	6	66,6	3	33,4

\* Respostas Múltiplas

Quando os escolares foram questionados quanto à facilidade em realizar trabalhos em grupo, a maior parte disse ter facilidade dependendo dos integrantes do grupo (Figura 3).

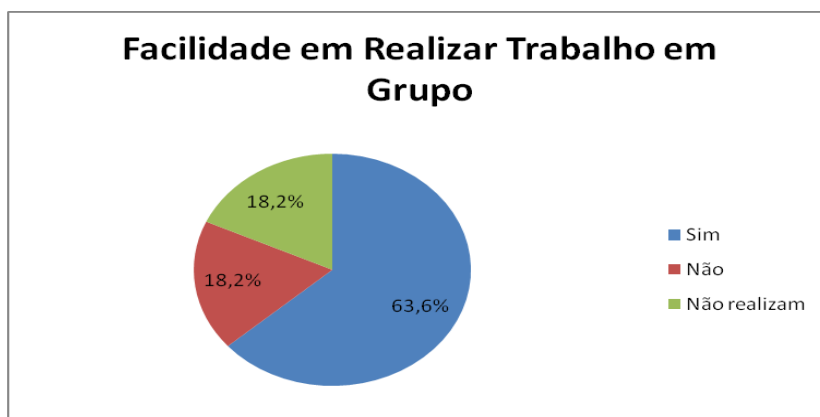


Figura 3 - Opinião dos escolares quanto à facilidade em realizar trabalhos em grupo

Os escolares relataram que na maioria das vezes o professor necessitava ditar a matéria, sendo que para alguns, era preciso complementar as informações ditadas por meio da cópia do caderno do colega. Apenas 18,2% referiram conseguir ler a matéria na lousa (Tabela 3).

Tabela 3- Transmissão do Conteúdo aos Escolares

N=11

Transmissão de Conteúdo*	Sim		Não	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Leitura da lousa	2	18,2	9	81,8
Ditado do professor e cópia do colega	6	54,5	5	45,5
Ditado do professor	8	72,7	3	27,3

\*Respostas Múltiplas

Quanto ao relacionamento professor/escolar, 72,7% dos entrevistados disseram ter uma boa convivência com os professores, sendo que para alguns escolares os professores eram considerados excelentes e muito empenhados em ajudá-los.

## V- CONCLUSÃO

Conclui-se que o uso de recursos de tecnologia assistiva ainda é precário e que mesmo com a escola inclusiva, os escolares com deficiência visual ainda sofrem restrições no ambiente.

## VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO: **Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

JANNUZZI, G.S.M. O docente e a educação integradora. In: BICUDO, M.A.; SILVA JUNIOR, C.A (Orgs.). **Formação do educador e avaliação educacional: formação inicial e contínua**. São Paulo, 1999. p. 131-7.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde- Décima Revisão**. São Paulo: Edusp, 1993.

SOUZA, O.S.H. A (con)vivência no mundo da sala de aula: percepções e sentimentos de alunos com deficiência visual. In:\_\_\_\_\_. **Itinerários da inclusão escolar**: múltiplos olhares, saberes e práticas. Porto Alegre: ULBRA, 2008. p. 61-76.